Mundo

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.dfjadabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

ESTADOS UNIDOS

Os desafios de Trump

A quatro semanas das eleições legislativas, o presidente norte-americano enfrenta a baixa popularidade como principal obstáculo para preservar o controle republicano da Câmara dos Representantes e do Senado

» RODRIGO CRAVEIRO

Jim Watson/AFP



Donald Trump chega para discursar em evento na capital, Washington: líder republicano tem pouca margem de manobra para evitar derrota

A guerra contra o Irã não foi encerrada, a "era de ouro" anunciada durante a posse ficou na promessa e a popularidade segue em baixa. É nesse contexto que, em 29 dias, os Estados Unidos vão às urnas para as eleições legislativas de meio de mandato. Todos os 435 assentos da Câmara dos Representantes (Câmara dos Deputados) e 35 das 100 cadeiras do Senado serão renovados. As mais recentes projeções indicam que os democratas devem tomar o controle da Câmara, enquanto a futura supremacia no Senado segue indefinida.

Denilde Oliveira Holzhacker, professora de relações internacionais da ESPM, afirmou que a gestão Trump tem sido bastante questionada por suas tomadas de decisão. "O impacto da guerra no Irã sobre o preço do petróleo e o alto custo de vida nos EUA influenciaram diretamente em diversos distritos eleitorais, até dos republicanos. Também há o peso do voto hispânico, ante as questões de imigração, e do voto negro, com o fim das políticas sociais", disse.

A professora da ESPM avaliou que os democratas têm explorado todo esse cenário. "É uma lógica muito menos do embate ideológico e mais por temas que impactam a vida e o cotidiano da população americana. Por isso, acho que Trump perdeu um pouco de seu discurso", comentou Holzhacker. A especialista ressaltou que eleição de meio de mandato costuma ser "plebiscitária". "Ela tende a avaliar o governo. Se o presidente tem a maioria, tende a perder a maioria na Câmara. No Senado, provavelmente Trump conseguirá manter a maioria republicana."

Historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island) e discípulo do brasilianista Thomas Skidmore, o norte-americano James Naylor Green advertiu que Trump não tem estratégia para tentar preservar a maioria nas duas casas do Capitólio. "Ele insiste em que a economia vai bem. Muitas pessoas que votaram em Trump agora dizem que ele está louco, pois frequentam supermercados e sabem que os preços inflacionaram. Também percebem que os combustíveis estão mais caros. Em vez de assumir os desafios e admitir dificuldades na guerra contra o Irã, Trump projeta coisas que se mostram muito vazias neste momento", disse ao **Correio**. O líder republicano previu que o conflito no Oriente Médio será encerrado logo depois das eleições de 3 de novembro.

Green citou a postura errática do titular da Casa Branca. "Um dia, Trump afirma que a guerra vai acabar amanhã. No outro, anuncia a abertura do Estreito de Ormuz. Depois, fala que destruirá o Irã. São sinais de vacilações que a própria base do Partido Republicano percebe e vê um presidente sem controle", comentou o estudioso.

Perguntado sobre a tática de Trump para evitar um desastre eleitoral, Green ironizou. "Ele fará talvez a pior coisa: anunciou que visitará os 35 distritos mais competitivos, onde os republicanos não querem sua presença, pois isso aumenta o ódio dos independentes por sua figura", observou. Entre os estados previstos para Trump visitar, estão Ohio, Iowa e Nebraska — nos quais a disputa pelo Senado segue acirrada.

Incerteza

Diretor do Programa em Teoria constitucional, história e direito pela Universidade de Illinois Urbana-Champaign (em Illinois), Jason Mazzone afirmou ao **Correio** que é difícil dizer com certeza qual será o resultado nas eleições de meio de mandato. "No entanto, todas as evidências sugerem que os democratas conquistarão a maioria na Câmara. As disputas pelo Senado estão mais acirradas. Historicamente, o partido do presidente perde cadeiras nas eleições legislativas", explicou. "Embora o presidente Trump tenha superado as expectativas repetidamente, há fortes razões para acreditar que seu partido não conseguirá fazer o mesmo desta vez."

Mazzone destacou que a popularidade de Trump é "muito baixa". "Americanos republicanos e democratas estão profundamente preocupados com os altos preços dos bens de consumo e com o custo da energia. Sempre que os americanos fazem compras de supermercado ou abastecem o carro, são lembrados de que Trump prometeu que todos nós estaríamos em melhor situação financeira."

De acordo com o professor de Illinois, existe ampla oposição às atividades militares do Irã. Mas ele admite que os democratas também não gozam de popularidade. "Os republicanos, que em grande parte levaram a melhor nas recentes guerras culturais, têm obtido grande sucesso ao retratar o Partido Democrata como uma legenda de radicais obcecados por questões raciais, hostis à polícia e favoráveis a fronteiras abertas", observou.

Quanto a Trump, Mazzone acredita que a única coisa que ele realmente pode fazer é mobilizar os eleitores republicanos para que compareçam às urnas. "Podemos esperar, nas próximas semanas, uma retórica cada vez mais intensa do presidente. Ele alertará para os riscos que sua agenda — e, consequentemente, na visão dele, o futuro do país — correria, caso os democratas conquistem o Congresso em novembro."

Eu acho...



Arquivo pessoal

"O fator decisivo para o resultado das eleições de meio de mandato será, portanto, o comparecimento às urnas. Os democratas estão prontos para votar em grande número. Será necessário um comparecimento expressivo dos eleitores republicanos em estados e distritos-chave para que o Partido Republicano mantenha a maioria no Congresso."

Jason Mazzone, diretor do Programa em Teoria constitucional, história e direito pela Universidade de Illinois Urbana-Champaign (em Illinois)

ORIENTE MÉDIO

Netanyahu manda revisar segurança de voos

Sob pressão política e dos meios de comunicação, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu determinou, ontem, a revisão das medidas de segurança em voos internacionais com destino a Israel. A ordem foi dada quatro dias depois que um copiloto omanense da companhia aérea Flydubai tentou derrubar uma aeronave que viajava dos Emirados Árabes Unidos com destino a Tel Aviv.

"Netanyahu encarregou o diretor do Conselho Nacional de Segurança, Shmuel Ben Ezra, de nomear um responsável para realizar uma análise exaustiva de todos os aspectos relacionados à segurança da aviação civil estrangeira com destino a Israel", informou o gabinete do primeiro-ministro em comunicado.

Com 174 pessoas a bordo, dos quais 166 israelenses, o avião precisou fazer um pouso de emergência em Tabuk, na Arábia Saudita. Desde então, a oposição ao governo Netanyahu e a imprensa questionam se houve falhas de segurança no episódio.

Os deputados de esquerda pediram à Procuradoria Geral a abertura de uma investigação, especialmente sobre a possibilidade de a identidade do copiloto ter sido transmitida a Israel sem que seus antecedentes fossem verificados, como divulgaram alguns meios de comunicação.

Ontem, veículos israelenses afirmaram que o suspeito, interrogado nos Emirados Árabes Unidos, planejava derrubar o avião em Israel e havia realizado vários voos para Tel Aviv nos últimos meses, numa forma de fazer um reconhecimento do terreno.

Na rede social X, Yair Lapid, um dos líderes da oposição israelense, classificou como "fachada" a investigação e a "análise abrangente" prometidas por Netanyahu.

A ministra dos Transportes, Miri Regev, próxima de Netanyahu, anunciou que se reuniu com o embaixador dos Emirados em Israel, Mohamed Al Khaja, para discutir "a cooperação" na investigação. Segundo ela, os dois países acertaram a continuidade da cooperação.

Investigadores dos Emirados Árabes sustentam que o copiloto omani, identificado como Hamam al-Hammami, planejava um "ato terrorista". Detido nos Emirados, o agressor teria sido proibido de pilotar em Omã por causa de suas opiniões extremistas.

Na quarta-feira passada, Al-Hammami usou um machado de emergência da cabine para atacar o comandante do voo da Flydubai, o indiano Smit Machchhar, que conseguiu abrir a porta da cabine.

AFP



Aeronave da Flydubai na pista do aeroporto Ben Gurion, perto de Tel Aviv: governo israelense sob pressão

Ação contra os houthis

O governo do Iêmen, apoiado pela Arábia Saudita, anunciou, ontem, uma operação militar para recuperar todos os territórios controlados pelos houthis, aliados do Irã. A decisão foi divulgada pelo chefe do Conselho Presidencial Iemenita, Rashad al Alimi, após os últimos avanços do grupo rebelde. Após anos de guerra civil, os houthis controlam grandes áreas do país, incluindo a capital, Sanaa.

Autoridades iemenitas vêm enfrentando dificuldades depois que uma ofensiva relâmpago dos houthis lhes permitiu controlar a costa do Mar Vermelho, reforçando seu domínio sobre o Estreito estratégico de Bab el Mandeb. A perda desse ponto estratégico para o transporte marítimo internacional expõe as deficiências das forças do país para conter o avanço rebelde, mesmo com apoio militar saudita.

Horas antes do anúncio, os houthis cercaram Taiz e cortaram a estrada que liga a Áden, sede do governo reconhecida internacionalmente, segundo fontes de segurança ouvidas pela agência de notícias France Presse (AFP).

Alguns moradores prometeram resistir. "Derrotaremos e esmagaremos qualquer um que entrar na cidade de Taiz. Não abandonaremos Taiz", afirmou Zakaria Al Dhubhani.

O avanço ocorreu após dias de intensos combates em Taiz e seus arredores, que deixaram mais de 70 mortos dos dois lados nas últimas 24 horas, informaram à AFP interlocutores dos houthis e das forças governamentais.

Taiz permanece sob controle governamental, mas há muito tempo é sitiado pelos houthis pelo norte, leste e oeste e constitui uma das principais frentes do conflito.

Após anos de trégua, a guerra no Oriente Médio desestabilizou o Iêmen, e os combates entre os houthis e as tropas governamentais foram retomados em julho passado.

Com a reativação do conflito no país, em guerra civil desde 2014, o grupo rebelde anunciou um bloqueio naval contra a Arábia Saudita. Isso ameaçou uma importante rota de exportação de petróleo do reino, enquanto o Irã bloqueou o Estreito de Ormuz. Os houthis também pressionaram os sauditas com ataques à infraestrutura petrolífera.

Porta-voz militar do grupo, Yahya Saree afirmou que mísseis balísticos e drones foram lançados, ontem, contra instalações da Aramco em Riade e Khurais, no leste do reino. "Os ataques foram precisos e provocaram grandes incêndios", divulgou Saree na rede social X.

O conflito agravou ainda mais uma situação humanitária já crítica. O Programa Mundial de Alimentos da ONU prevê que uma crise alimentar no país mais pobre da Península Arábica ameaça tornar-se "absolutamente devastadora".